

DEPOIMENTO

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

O Jogo da Verdade



A qualidade que mais aprecia:

Alegria, esperança.

O traço característico:

Achar sempre que as coisas vão bem, ou que vão acabar bem.

A idéia da felicidade:

Nunca deixar de acreditar que vale a pena viver, apesar de tudo.

A idéia da infelicidade:

Não acreditar em si, não acreditar nos outros, não acreditar em Deus.

O defeito que desculpa mais facilmente:

Loucuras e injustiças que as pessoas fazem por não crerem em si mesmas.

O defeito que lhe inspira mais aversão:

O pessimismo.

A antipatia:

Mediocridade.

A ocupação preferida:

Estar na roça e escrever.

Os poetas preferidos:

Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira.

O prosador preferido:

João Guimarães Rosa.

A flor preferida:

Ipê

A cor preferida:

Marrom, e verde.

O nome preferido:

De homem, Carlos; de mulher, Maria.

O prato preferido:

Arroz com feijão.

Uma definição de amor:

A própria idéia de Deus, misturada com flores de Ipê.

Então, vamos lá. Comece com a ficha: nome completo, profissão...

Meu nome todo é Carlos Rodrigues Brandão. Eu sou descendente de alemão, neto de alemão. Mas lá em casa – nós somos 4, 2 homens e 2 mulheres – os homens ficaram só com o nome do pai, Rodrigues Brandão. Meu irmão é José Rodrigues Brandão, e as moças, a Eni e a Sônia, ficaram com o nome da mãe e do pai. Meu estado civil é casado. Tenho dois filhos, um rapaz de 18 anos, André, e uma moça, Luciana, de 16. O local oficial de trabalho é a Unicamp.

E.R. : Esse Rodrigues é de Minas Gerais?

C.R.B. : Dizem que o Brandão é que é, sempre que eu estou em algum lugar em Minas, e eu falo que eu sou Brandão, já vem alguém perguntar: “o senhor tem parente aqui?”

E.R. : E sua idade, qual é?

C.R.B. : 46 anos. Estou novíssimo, aliás todos nós estamos. Velhice começa aos 98, conforme for, até mais.

E.R. : Você é nascido onde?

C.R.B. : Nasci no Rio de Janeiro.

E.R. : Por que você foi parar no oeste?

C.R.B. : Eu sou um cara que vive na roça, adora Minas e Goiás e, no entanto, nasci em Copacabana, quase em frente ao Copacabana Palace. Morei 10 anos lá, depois 16 na Gávea. Meu Goiás é de casamento, casei com uma goiana, Maria Alice. Meus filhos também são goianos.

E.R. : Profissão?

C.R.B. : Eu me formei em Psicologia; fui psicólogo durante 2 anos. Estava ficando rico, mas maluco, quer dizer, estava pirando. Eu dava aula em Brasília, na Católica de Goiânia, na Federal de Goiás, trabalhava numa clínica e no serviço de Psicologia da Católica de Goiás. Tinha 5 empregos.

FIZ ESCOLA DE GUIA ESCALADOR...

E.R. : Como foi sua trajetória profissional?

C.R.B. : Bastante irregular. Por exemplo: vou começar pelas fantasias. Meus sonhos de adolescência, no Rio de Janeiro, eram muito aventureiros; eu tenho a impressão que a Antropologia foi realização disso. A coisa que eu mais queria ser era explorador, eu via aqueles filmes, aquelas revistas, aqueles caras de capacete na cabeça, na África, na Oceania, não queria saber de outra coisa. Eu achava estranhíssimo, porque meus primos todos estavam orientando-se para a Medicina, pra Marinha, e eu queria ser explorador, ser navegante. Com 17 anos, eu era um péssimo aluno (aquele que está descrito na “Sala de Aula”), quando fiz concurso para o Colégio Naval e para a Aeronáutica e, incompreensivelmente, passei nos dois. Contra a vontade da minha família, fui para a Aeronáutica. Af eu quebrei a espinha... foi um acidente gravíssimo, eu fiquei meses engessado. Então, saf da Aeronáutica e fui ser escalador de montanha. Fiz escola de guia escalador, conquistei montanhas, fui guia por 5 anos, quer dizer, tem material para Freud, alguma coisa eu

estava buscando. Participei de uma célebre conquista no Rio de Janeiro, que é a de uma montanha no 4º grau, como a gente chama. Alfas, os únicos diplomas que eu tenho pendurados em parede são o da escalada do Dedo de Deus e meu diploma de guia escalador. Depois, em 1957, eu quis ser agrônomo. Me apaixonei por Agronomia. Nesse mesmo ano, criaram em Viçosa a Escola Nacional de Florestas, e eu disse: é prá lá que eu vou. Então fiz um curso durante o ano de 60 e passei o ano inteiro estudando, prá chegar em novembro e descobrir, inclusive com as notas na minha frente, que eu era “uma mula” em Física, Química, Matemática e Biologia, ou seja, as 4 matérias do vestibular. Eu era daqueles que quando tirava 4 fazia festa. Af desisti, e disse: bom, e agora? Fui fazer Filosofia (fiz um ano de Filosofia na PUC), porque gostava muito de ler, vivia meditando, pensando... No ano seguinte, eu entrei para a Psicologia; foi no período de 61 a 64, uma época de cultura popular, me meti nisso até o pescoço, vivi disso.

E.R. : Quem foi seu guia escalador na Educação popular?

C.R.B. : Foram muitos. Engraçado, Educação popular é uma coisa muito curiosa, se você me perguntar por uma pessoa que me influenciou, eu diria que foi uma pessoa coletiva, não tem uma pessoa individual. Só quem entende, quem se lembra do que havia naquele tempo é que é capaz de compreender o que acontecia com a gente; era a UNE, todo um problema de Educação popular, de cultura popular, era a UMES (União Metropolitana de Estudantes), que naquele tempo era muito forte, depois veio a UEE. Na época (1962, 63) trabalhei em um jornal chamado “O Metropolitano”, me lembro que entrevistei Paulo de Tarso (1962, 63). Então eu diria que o meu guru não é um sujeito individual, é um sujeito coletivo. Agora, se você me perguntar o nome de um intelectual que me influenciou, eu diria Padre Vaz.

E.R. : O Seu contato com Padre Vaz foi onde, e quando?

C.R.B. : Eu era da Juventude Universitária Católica – JUC e o Padre Vaz foi, em um determinado momento, o grande teólogo da JUC; eu diria que o Padre Vaz era um grande teólogo e o Padre Lage daqui era um grande orientador de prática. Então, eu participava de encontros e reuniões era com o Padre Lage, aquela questão de consciência histórica, isso era o que nos influenciava. Paulo Freire era um cara que tinha um método de alfabetização, não era o nosso teórico, não era o nosso guru ainda; veio a ser mais tarde.

E.R. : Bom, e aí nós estávamos no curso de Psicologia. Da Filosofia para a Psicologia, como é que foi? Por que você deixou a Filosofia?

C.R.B. : Foi uma coisa muito interessante; era um tempo de uma extrema militância – eu estava ligado à JUC, o pessoal estava começando a produzir o grupão, que viria a ser a AP depois – e a Filosofia da PUC era reduto de direita, eram pessoas da Congregação Mariana, não havia lugar para mim. Então o Padre Benco, um húngaro que dirigia o Instituto de Psicologia da PUC, me convidou para o curso. A partir daí, comecei a fazer Psicologia; fiz 4 anos, não fiz o quinto. Era um tempo

de Educação popular, eu totalmente metido naquilo, eu era da JUC e do MEB – Movimento de Educação de Base. Havia uma equipe muito boa aqui em Belo Horizonte, e eu não queria terminar o curso; acabou o 4º ano, casei-me e fui embora para o México, fazer um ano de Educação de adultos, um curso da Unesco, numa cidadezinha do interior. Quando voltei, fui para Brasília trabalhar com reforma agrária. Em 1967, eu estava em Brasília, e aí resolvi ser professor. Essa história é muito engraçada: vesti um terno, coisa que eu não tenho há anos, com gravata e tudo, peguei o curriculum vitae (naquele tempo tinha duas folhinhas só), uma malinha e fui bater na Faculdade de Educação, não conhecia ninguém, ninguém; aí bati na porta e disse que estava querendo dar aulas. Pois 15 dias depois eles precisavam de professor de Filosofia da Educação, e essa foi minha primeira experiência.

PROFESSOR... TODO MUNDO SABE O QUE É.

E.R. : *Você se diz professor? A sua profissão é professor?*

C.R.B. : Pois é, sempre que me perguntam, eu falo que sou professor, tanto formalmente, isto é, preenchendo uma ficha para tirar um crediário, como informalmente. Mas quando a gente está no nosso meio, onde não adianta dizer que é professor, porque todo mundo é (por exemplo, em reunião da SBPC), então eu digo que sou antropólogo; já é uma subdivisão tribal, né? Mas "professor" é um barato, todo mundo sabe o que é, todo mundo gosta. No lugar onde eu pesquiso, na roça, o meu nome é professor, quer dizer, fica mais fácil, para eles, não ter que falar professor Brandão; é professor.

E.R. : *E a carreira de professor continuou...*

C.R.B. : É, em 68 eu fiz concurso para a Federal de Goiás e passei; meu sonho era ir para Goiás. No mesmo ano, mudamos de Brasília para Goiânia, foi quando nasceu o André, um ano muito quente politicamente; em Goiás, mais ainda. Engraçado é que Goiás era um estado em que o movimento universitário era fraco, mas o movimento estudantil secundarista era fortíssimo, o pessoal de lá fazia coisas incríveis. Me lembro que fizeram uma vez uma manifestação no meio da passeata de 7 de setembro. Eu nunca tinha visto isso, pular no meio da parada, com cartaz e tal, e eu comecei a participar, participei inclusive de uma passeata, e muitas outras coisas. Então, nesse ano, o reitor da Universidade me chamou e disse: olha, estão pedindo a sua cabeça, então você suma daqui por um ano. Quer dizer, licença obrigatória. Aí eu pensei: o que é que eu vou fazer? Eu não me sentia maduro para fazer mestrado, resolvi acabar a Psicologia. Fui para o Rio de Janeiro, no meu pequeno exílio voltei para a minha terra; então, em 69, eu acabei meu curso.

E.R. : *E aí voltou para Goiás, ou ficou no Rio?*

C.R.B. : Voltei para Goiás. Fiquei só um ano no Rio, aí eu não queria nem saber mais do Rio, eu já estava

totalmente convertido aos sertões. Me lembro que me formei em um dia e viajei no dia seguinte.

E.R. : *E como é que você foi parar em Campinas?*

C.R.B. : Campinas é a coisa mais engraçada, tudo na vida é assim. Eu era professor em Goiás, tinha acabado de fazer uma casa linda, tinha comprado uma chácara, estava pensando em um dia ter uma casinha lá. Aí resolvi fazer doutorado, tinha feito mestrado em Antropologia Social.

E.R. : *Então a Antropologia vem antes de Campinas?*

C.R.B. : É, teoricamente eu era professor de Psicologia Social, estudo que tem muita fronteira com a Antropologia, principalmente na área em que eu estava trabalhando, a área de cultura e personalidade. Quando eu fui para a PUC, em 69, para completar meu curso, fiz várias viagens pela América Latina. Até escrevi um livro, que não saiu com meu nome; é o "Educação Popular e Conscientização", que saiu pela Vozes, 10 anos depois. Eu apareci como tradutor do meu próprio livro.

E.R. : *Como é que é essa história?*

C.R.B. : Entre 68 e 70, eu fazia viagens clandestinas para dar cursos sobre Paulo Freire e Educação Popular, em todos os países da América Latina – estive na Costa Rica, no Peru várias vezes, etc. Era tempo de profunda repressão aqui, então, como resultado disso, eu escrevi um livro chamado "Educação Popular y Proceso de Concientización", que saiu pela Siglo XXI.

E.R. : *Qual era o nome do autor? Como foi escolhido esse nome?*

C.R.B. : Aí é que está a história: na hora de pôr o nome do autor a gente concluiu que era um negócio muito perigoso sair em meu nome. Então eu sugeri um nome fictício – Manuel Rodrigues, aquele guerrilheiro chileno. Como o trabalho é sobre ensino na Argentina, e tinha que ter um autor real, para que pudesse ser publicado, um amigo meu, um teólogo que se chama Julio Barreiro, emprestou o nome para mim. Esse livro teve 12 edições na América Latina; quando houve o golpe na Argentina, foi destruída uma edição inteira (de 1000 exemplares). Aí, 10 anos depois, eu apareci como tradutor do meu próprio livro.

E.R. : *E você teve problemas com a Revolução aqui?*

C.R.B. : Não, tive só aquele problema em Goiânia, que já falei antes. Eu sempre fui um cara de uma sorte boa, nunca tive maiores problemas, mesmo convivendo com amigos presos, torturados.

E.R. : *Mas você pertencia a alguma organização?*

C.R.B. : Eu fui da JUC, fui do MEB, fui marginalmente da AP, desde o começo, quando se chamava grupão. Mas não continuei filiado a grupo nenhum. Durante esse tempo de Goiás, eu fiz um trabalho ligado à Igreja, participando de um grupo chamado Igreja e Sociedade na América Latina – ISAL, através do qual eu fazia essas viagens pela América Latina. Foi um grupo perseguido, destruído na Argentina, no Chile, na Bolívia, e que hoje em dia deu origem ao CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Agora não estou mais ligado a isso, deixei

uma outra equipe de Educação popular lá. Depois, teve o tempo da minha volta ao Rio (69, 70), e que foi o tempo em que talvez eu tenha corrido mais risco, foi quando a minha casa era um aparelho do pessoal da AP que subia pra fazer guerrilha no norte; passavam pela minha casa, se hospedavam lá e, às vezes, até me davam tarefas aqui; teve um tempo em que eu andei traduzindo Mao-Tsé-tung, traduzia aqueles folhetins em espanhol. Mas, depois, nunca mais. Nem PT; nunca militei no PT. Sou simpatizante, mas não militante.



**ME PERGUNTAM SE CREIO
NESSE DEUS CRISTÃO. . .
EU CREIO NA GENTE
QUE CRÊ NELE.**

E.R. : Você é cristão até hoje?

C.R.B. : Uma pergunta complicada, né? Eu sou místico até hoje, isto é, eu creio em Deus, rezo, oro, me sinto em contato com Deus na natureza, mas cristão eu acredito que não sou. Acho que hoje em dia tenho uma experiência pessoal de Deus. Eu não sou ateu de jeito nenhum, acredito nessas coisas todas, como a existência de Deus, o Deus pessoal, a vida depois da vida, mas não tenho uma vida religiosa, cristã; para se ter uma idéia, há poucos dias atrás eu estava lendo Salmos, e agora estou lendo a Doutrina de Buda. Agora, uma comunidade de referência para mim ainda em boa medida é essa igreja mais avançada com a qual tenho contato até hoje. Estou trabalhando numa pesquisa com o pessoal de Goiás Velho e sou amicíssimo do Dom Pedro; nos comunicamos inclusive através de poesia. E, na semana que vem, eu vou estar com o pessoal do Conselho Nacional Indigenista. Acredito muito nessa gente, adoro esses caras alucinados que de repente largam tudo e vão morar no fundo do Mato Grosso, vão brigar com fazendeiro, via CPT, vão trabalhar com índio; eu creio nessa gente. Às vezes me perguntam se creio nesse

Deus cristão, eu digo que não, eu creio na gente que crê nele. Agora, quando eu ficar mais velho, vou ficar bem mais religioso.

E.R. : Quer dizer que o misticismo, o cristianismo, de uma certa forma chegou via política.

C.R.B. : É, porque justamente quando eu estava numa fase, digamos, de jovem burguês do Rio de Janeiro, que não estava nem aí, primeiro ia à praia, depois ia escalar, então eu vivi esse processo individual de conversão, uma busca de sentido. Logo depois do meu acidente (lembro, por exemplo, que o Saint-Exupéry foi uma influência fortíssima nesse sentido), virei um cara profundamente religioso. Depois, socializei isso na JUC, que é realmente uma comunidade. Eu tenho amigos meus da JUC que são meus amigos há 25 anos, quer dizer, queridíssimas pessoas, tenho profundo amor por elas. Isso me marcou muito, eu não vejo isso acontecer em outros lugares. Lá não tem muito a ver com Copacabana, tem a ver já com a Gávea, com essa passagem, via JUC, MEB; isso foi muito, muito forte na minha vida. Todos os rumos que eu tomei daí pra frente vêm daí, desse momento.

E.R. : E a Educação?

C.R.B. : Pois é, a Educação entrou via Educação popular, não tinha nada que ver com escola naquele tempo. Eu trabalhava, na época, na parte chamada animação popular, que era um trabalho mais de comunidade, que era uma tentativa de implantar no Brasil uma experiência do Senegal, as animações rurais.

E.R. : Sempre o rural. E o urbano?

C.R.B. : É, sempre o rural, nunca o urbano, sempre uma profunda recusa do urbano. O MEB é um movimento inteiramente rural. Fui para Goiás, trabalhei com dioceses rurais, nunca urbanas. Quando eu me fiz antropólogo, toda a minha pesquisa foi no mundo rural; quando eu fiz o meu doutorado, foi em mundo rural; as minhas pesquisas de agora são rurais. A gente costuma dizer que o ensino de Antropologia antigamente era brancófilo, negrófilo e indigenista; agora é ruralófilo, indigenófilo e urbanófilo. Eu sou fiel ao mundo rural - estou no doutorado da área rural, oriento e faço pesquisas na área rural.

E.R. : Como é que você explica essa sua vocação para sertão, tendo nascido em Copacabana?

C.R.B. : Há uma coisa muito engraçada na História da Arte, da Literatura e da Ciência no Brasil. Quase todo artista ou cientista que produziu alguma coisa neste país é de modo geral gente do interior que convergiu para a cidade. Tirando fora o Vinícius de Moraes, eu não conheço outro intelectual carioca importante. Isso é muito interessante, você quase não tem grandes intelectuais paulistanos, cariocas, assim, nascidos e criados no Rio de Janeiro.

E.R. : Pois é, mas você fez o movimento contrário.

C.R.B. : Sim, mas isso também é muito comum. Volta e meia você chega em uma tribo de índios e encontra um cara que nasceu no Rio de Janeiro, nasceu em Roma, nasceu em Paris, e foi para lá. Isso é um tanto curioso, quer dizer, é muito raro

alguém nascido em roça gostar de roça como eu gosto; eles gostam é de São Paulo. Eu vivi 26 anos no Rio, foram uma infância e uma adolescência alegriíssimas; mas o sonho da minha vida era chegarem as férias, ir para um sítio que meu tio tinha em Itatiaia, um lugar maravilhoso. Tudo que eu queria era não ficar em 2ª época, coisa que eu ficava quase todo ano. E depois, quando esse meu tio foi para Pouso Alegre e se estabeleceu lá, então eu idealizei esse mundo dourado para Santa Rita do Sapucaí, onde eles iam passar as férias, que é o mundo ideal pro menino. Eu tinha 14 anos na primeira vez em que fui lá, e acho que eu idealizei, como se o Paraíso fosse o mundo rural. Tanto que até hoje eu trabalho com pesquisa de campesinato, que é o tipo de pesquisa que não dá lbope: costumam dizer que lá em Campinas o que dá lbope é pesquisa que mistura droga com sexo, com terrorismo, com mulher. Pesquisas como a que estou fazendo, pesquisando a reprodução do saber no mundo camponês tradicional, só fanático lê, só nós. Agora, por exemplo, estou indo pesquisar no sul de Minas, eu estou voltando às minhas origens afetivas, estou pesquisando aquela região de Caldas. Aluguei uma casinha lá e estou pesquisando tradicionalidade e modernização na agricultura mineira. E isso não dá lbope nenhum, a saída é fazer um livro; aí, tem que chegar lá na Brasiliense, que publicou livros meus, e pedir por favor que publiquem esse também. Mas a minha vontade é parar de pesquisar no mundo rural e ir para lá de uma vez.

... POR UMA RAZÃO TERRIVELMENTE DEFINITIVA: PORQUE EU GOSTO.

E.R. : *Isso ainda continua um mistério. Como é que um sujeito nascido e criado em Copacabana faz uma opção pelo rural?*

C.R.B. : Eu sempre acho que por debaixo das nossas razões ideológicas, existem sempre coisas profundas que a gente ou não quer contar ou não sabe, então tem que descobrir, desvendar. Se você me perguntasse porque é que eu ainda faço pesquisa de campo, indo de carro até o meio do mato, atolando na lama, eu daria uma razão terrivelmente definitiva: porque eu gosto.

E.R. : *A aventura permanece, né? A pesquisa antropológica é uma forma de aventura?*

C.R.B. : Às vezes eu tenho impressão de que isso é o que eu consegui encontrar na Antropologia; ao contrário do que a Psicologia me dá, porque a Psicologia é uma aventura muito interior, quer dizer, eu acho que um analista vive permanentemente uma aventura para decifrar um simples mistério de cada pessoa com quem ele lida. Mas eu tinha uma profunda necessidade de viver isso numa dimensão mais para fora, a nível de festa, de pessoas, de grupos; e a Antropologia me deu isso, de repente ela me leva para Goiás Velho, para Diolândia, para Itabira, me põe em contato com essa gente. Quer dizer, não fui escalador a vida

inteira, não fui esse explorador que eu queria, não fui nem sequer engenheiro florestal, mas joguei isso na Antropologia. Sabe por que eu sou antropólogo? Porque eu acho um barato descrever essas coisas, ir lá no mato, depois pegar tudo e pôr no papel.

E.R. : *Como é que você consegue escrever Antropologia de um jeito tão bom, tão literário?*

C.R.B. : Escrever é uma coisa muito interessante. A gente pensa assim: tocar piano é um dom, um monte de gente entra na escolinha para aprender piano, mas só quem tem o dom sai pianista; balé é a mesma coisa, flauta a mesma coisa. Por outro lado, a gente pensa que escrever é um negócio universal, que todo mundo, pelo menos todo mundo do nosso meio intelectual, tem que saber escrever, e escrever igualzinho. Ainda ontem eu estava lendo a Folha de São Paulo, e fiquei sabendo de mais um livro do Lévi-Strauss que está sendo publicado em português. O sujeito está com quase 80 anos, é um cara genial, acho que é um dos três gênios do século XX. Agora, ao lado de ser um pesquisador genial, ele é principalmente um escritor, quer dizer, ele iria ser um escritor, e acabou sendo um antropólogo. Eu acho que esse é justamente o meu caso: se eu pudesse ser romancista, eu não ia ser antropólogo, antropólogo é uma espécie de mediação.

E.R. : *No começo da entrevista, você disse que quando criança não era bom aluno. Naquela época você já escrevia, já gostava de escrever?*

C.R.B. : Eu gosto de escrever desde garoto, o que era mesmo uma contradição. Eu fui expulso do Colégio São Bento, mas, com 7 anos de idade, um artigo meu sobre o batismo saiu publicado no jornal do colégio. Então, eu era um cara assim: terrível, bagunceiro a ponto de ser expulso do colégio, e era um cara que escrevia coisas que as pessoas gostavam. Isso me acompanha desde a infância, e é inclusive uma das razões pelas quais eu acabei deixando a Psicologia, porque era um negócio que eu tinha que ouvir muito, falar, e não escrevia, pois não havia tempo para isso. De repente, eu descobri que sendo antropólogo eu só iria escrever, que era o que eu queria; aí sim, comecei a escrever feito um desesperado. Eu gosto, tenho prazer, tanto assim que já escrevi quase 30 livros.

EU ESCREVO MAIS DEPRESSA DO QUE PENSO.

E.R. : *E como é, para você, o ato de escrever?*

C.R.B. : Eu estou lembrando agora (não sei porque) que o Sartre diz que a gente fala na própria língua e escreve em uma língua estrangeira. Escrever foi sempre um ato difícil, que tem que ser pensado e tal; para mim, nunca foi muito assim não. Sempre escrevi poesia também, e escrevo minhas coisas íntimas; assim, quando eu viajo, eu viajo com os caderninhos (tenho o do Congo, da Nicarágua, da Espanha, Goiás, Minas, etc.) e estou constantemente escrevendo. Então, para mim,

uma outra equipe de Educação popular lá. Depois, teve o tempo da minha volta ao Rio (69, 70), e que foi o tempo em que talvez eu tenha corrido mais risco, foi quando a minha casa era um aparelho do pessoal da AP que subia pra fazer guerrilha no norte; passavam pela minha casa, se hospedavam lá e, às vezes, até me davam tarefas aqui; teve um tempo em que eu andei traduzindo Mao-Tsé-tung, traduzia aqueles folhetins em espanhol. Mas, depois, nunca mais. Nem PT; nunca militei no PT. Sou simpatizante, mas não militante.



**ME PERGUNTAM SE CREIO
NESSE DEUS CRISTÃO. . .
EU CREIO NA GENTE
QUE CRÊ NELE.**

E.R. : Você é cristão até hoje?

C.R.B. : Uma pergunta complicada, né? Eu sou místico até hoje, isto é, eu creio em Deus, rezo, oro, me sinto em contato com Deus na natureza, mas cristão eu acredito que não sou. Acho que hoje em dia tenho uma experiência pessoal de Deus. Eu não sou ateu de jeito nenhum, acredito nessas coisas todas, como a existência de Deus, o Deus pessoal, a vida depois da vida, mas não tenho uma vida religiosa, cristã; para se ter uma idéia, há poucos dias atrás eu estava lendo Salmos, e agora estou lendo a Doutrina de Buda. Agora, uma comunidade de referência para mim ainda em boa medida é essa igreja mais avançada com a qual tenho contato até hoje. Estou trabalhando numa pesquisa com o pessoal de Goiás Velho e sou amiguíssimo do Dom Pedro; nos comunicamos inclusive através de poesia. E, na semana que vem, eu vou estar com o pessoal do Conselho Nacional Indigenista. Acredito muito nessa gente, adoro esses caras alucinados que de repente largam tudo e vão morar no fundo do Mato Grosso, vão brigar com fazendeiro, via CPT, vão trabalhar com Índio; eu creio nessa gente. Às vezes me perguntam se creio nesse

Deus cristão, eu digo que não, eu creio na gente que crê nele. Agora, quando eu ficar mais velho, vou ficar bem mais religioso.

E.R. : Quer dizer que o misticismo, o cristianismo, de uma certa forma chegou via política.

C.R.B. : É, porque justamente quando eu estava numa fase, digamos, de jovem burguês do Rio de Janeiro, que não estava nem aí, primeiro ia à praia, depois ia escalar, então eu vivi esse processo individual de conversão, uma busca de sentido. Logo depois do meu acidente (lembro, por exemplo, que o Saint-Exupéry foi uma influência fortíssima nesse sentido), virei um cara profundamente religioso. Depois, socializei isso na JUC, que é realmente uma comunidade. Eu tenho amigos meus da JUC que são meus amigos há 25 anos, quer dizer, queridíssimas pessoas, tenho profundo amor por elas. Isso me marcou muito, eu não vejo isso acontecer em outros lugares. Lá não tem muito a ver com Copacabana, tem a ver já com a Gávea, com essa passagem, via JUC, MEB; isso foi muito, muito forte na minha vida. Todos os rumos que eu tomei daí pra frente vêm daí, desse momento.

E.R. : É a Educação?

C.R.B. : Pois é, a Educação entrou via Educação popular, não tinha nada que ver com escola naquele tempo. Eu trabalhava, na época, na parte chamada animação popular, que era um trabalho mais de comunidade, que era uma tentativa de implantar no Brasil uma experiência do Senegal, as animações rurais.

E.R. : Sempre o rural. E o urbano?

C.R.B. : É, sempre o rural, nunca o urbano, sempre uma profunda recusa do urbano. O MEB é um movimento inteiramente rural. Fui para Goiás, trabalhei com dioceses rurais, nunca urbanas. Quando eu me fiz antropólogo, toda a minha pesquisa foi no mundo rural; quando eu fiz o meu doutorado, foi em mundo rural; as minhas pesquisas de agora são rurais. A gente costuma dizer que o ensino de Antropologia antigamente era brancófilo, negrófilo e indigenista; agora é ruralófilo, indigenófilo e urbanófilo. Eu sou fiel ao mundo rural - estou no doutorado da área rural, oriento e faço pesquisas na área rural.

E.R. : Como é que você explica essa sua vocação para sertão, tendo nascido em Copacabana?

C.R.B. : Há uma coisa muito engraçada na História da Arte, da Literatura e da Ciência no Brasil. Quase todo artista ou cientista que produziu alguma coisa neste país é de modo geral gente do interior que convergiu para a cidade. Tirando fora o Vinícius de Moraes, eu não conheço outro intelectual carioca importante. Isso é muito interessante, você quase não tem grandes intelectuais paulistanos, cariocas, assim, nascidos e criados no Rio de Janeiro.

E.R. : Pois é, mas você fez o movimento contrário.

C.R.B. : Sim, mas isso também é muito comum. Volta e meia você chega em uma tribo de índios e encontra um cara que nasceu no Rio de Janeiro, nasceu em Roma, nasceu em Paris, e foi para lá. Isso é um tanto curioso, quer dizer, é muito raro

alguém nascido em roça gostar de roça como eu gosto; eles gostam é de São Paulo. Eu vivi 26 anos no Rio, foram uma infância e uma adolescência alegrrssimas; mas o sonho da minha vida era chegarem as férias, ir para um sítio que meu tio tinha em Itatiaia, um lugar maravilhoso. Tudo que eu queria era não ficar em 2ª época, coisa que eu ficava quase todo ano. E depois, quando esse meu tio foi para Pouso Alegre e se estabeleceu lá, então eu idealizei esse mundo dourado para Santa Rita do Sapucaí, onde eles iam passar as férias, que é o mundo ideal pro menino. Eu tinha 14 anos na primeira vez em que fui lá, e acho que eu idealizei, como se o Paraíso fosse o mundo rural. Tanto que até hoje eu trabalho com pesquisa de campesinato, que é o tipo de pesquisa que não dá lbope: costumam dizer que lá em Campinas o que dá lbope é pesquisa que mistura droga com sexo, com terrorismo, com mulher. Pesquisas como a que estou fazendo, pesquisando a reprodução do saber no mundo camponês tradicional, só fanático lê, só nós. Agora, por exemplo, estou indo pesquisar no sul de Minas, eu estou voltando às minhas origens afetivas, estou pesquisando aquela região de Caldas. Aluguei uma casinha lá e estou pesquisando tradicionalidade e modernização na agricultura mineira. E isso não dá lbope nenhum, a safda é fazer um livro; aí, tem que chegar lá na Brasiliense, que publicou livros meus, e pedir por favor que publiquem esse também. Mas a minha vontade é parar de pesquisar no mundo rural e ir para lá de uma vez.

... POR UMA RAZÃO TERRIVELMENTE DEFINITIVA: PORQUE EU GOSTO.

E.R. : *Isso ainda continua um mistério. Como é que um sujeito nascido e criado em Copacabana faz uma opção pelo rural?*

C.R.B. : *Eu sempre acho que por debaixo das nossas razões ideológicas, existem sempre coisas profundas que a gente ou não quer contar ou não sabe, então tem que descobrir, desvendar. Se você me perguntasse porque é que eu ainda faço pesquisa de campo, indo de carro até o meio do mato, atolando na lama, eu daria uma razão terrivelmente definitiva: porque eu gosto.*

E.R. : *A aventura permanece, né? A pesquisa antropológica é uma forma de aventura?*

C.R.B. : *Às vezes eu tenho impressão de que isso é o que eu consegui encontrar na Antropologia; ao contrário do que a Psicologia me dá, porque a Psicologia é uma aventura muito interior, quer dizer, eu acho que um analista vive permanentemente uma aventura para decifrar um simples mistério de cada pessoa com quem ele lida. Mas eu tinha uma profunda necessidade de viver isso numa dimensão mais para fora, a nível de festa, de pessoas, de grupos; e a Antropologia me deu isso, de repente ela me leva para Goiás Velho, para Diolândia, para Itabira, me põe em contato com essa gente. Quer dizer, não fui escalador a vida*

inteira, não fui esse explorador que eu queria, não fui nem sequer engenheiro florestal, mas joguei isso na Antropologia. Sabe por que eu sou antropólogo? Porque eu acho um barato descrever essas coisas, ir lá no mato, depois pegar tudo e pôr no papel.

E.R. : *Como é que você consegue escrever Antropologia de um jeito tão bom, tão literário?*

C.R.B. : *Escrever é uma coisa muito interessante. A gente pensa assim: tocar piano é um dom, um monte de gente entra na escolinha para aprender piano, mas só quem tem o dom sai pianista; balé é a mesma coisa, flauta a mesma coisa. Por outro lado, a gente pensa que escrever é um negócio universal, que todo mundo, pelo menos todo mundo do nosso meio intelectual, tem que saber escrever, e escrever igualzinho. Ainda ontem eu estava lendo a Folha de São Paulo, e fiquei sabendo de mais um livro do Lévi-Strauss que está sendo publicado em português. O sujeito está com quase 80 anos, é um cara genial, acho que é um dos três gênios do século XX. Agora, ao lado de ser um pesquisador genial, ele é principalmente um escritor, quer dizer, ele iria ser um escritor, e acabou sendo um antropólogo. Eu acho que esse é justamente o meu caso: se eu pudesse ser romancista, eu não ia ser antropólogo, antropólogo é uma espécie de mediação.*

E.R. : *No começo da entrevista, você disse que quando criança não era bom aluno. Naquela época você já escrevia, já gostava de escrever?*

C.R.B. : *Eu gosto de escrever desde garoto, o que era mesmo uma contradição. Eu fui expulso do Colégio São Bento, mas, com 7 anos de idade, um artigo meu sobre o batismo saiu publicado no jornal do colégio. Então, eu era um cara assim: terrível, bagunceiro a ponto de ser expulso do colégio, e era um cara que escrevia coisas que as pessoas gostavam. Isso me acompanha desde a infância, e é inclusive uma das razões pelas quais eu acabei deixando a Psicologia, porque era um negócio que eu tinha que ouvir muito, falar, e não escrevia, pois não havia tempo para isso. De repente, eu descobri que sendo antropólogo eu só iria escrever, que era o que eu queria; aí sim, comecei a escrever feito um desesperado. Eu gosto, tenho prazer, tanto assim que já escrevi quase 30 livros.*

EU ESCREVO MAIS DEPRESSA DO QUE PENSO.

E.R. : *E como é, para você, o ato de escrever?*

C.R.B. : *Eu estou lembrando agora (não sei porque) que o Sartre diz que a gente fala na própria língua e escreve em uma língua estrangeira. Escrever foi sempre um ato difícil, que tem que ser pensado e tal; para mim, nunca foi muito assim não. Sempre escrevi poesia também, e escrevo minhas coisas íntimas; assim, quando eu viajo, eu viajo com os caderninhos (tenho o do Congo, da Nicarágua, da Espanha, Goiás, Minas, etc.) e estou constantemente escrevendo. Então, para mim,*

escrever Antropologia, escrever uma tese é um hábito que me é profundamente natural, uma coisa que eu diria até quase que orgânica, no sentido biológico da palavra. Tenho inclusive consciência de que muitas vezes as coisas que eu escrevo não são tão rigorosas – porque eu escrevo mais depressa do que eu penso. Eu diria que eu tenho uma espécie de impulso de escritor; mais do que de cientista.

E.R. : *Escrever sobre Educação é diferente de escrever sobre Antropologia?*

C.R.B. : Existe uma polêmica em torno da questão da Educação, e eu como antropólogo, nessa polêmica, estou ligado ao pessoal da Igreja, a estudantes, a militantes; então é para eles que eu escrevo, de modo que os meus trabalhos de Educação são muito pobres de pesquisa, a não ser "Casa de Escola", que é um livro que foi produto de pesquisa, na Amazônia. No momento em que as pessoas me cobram o fato de um artigo meu não ter uma competência teórica, eu digo: mas eu não quis, isto é, eu não estou fazendo uma tese, tese eu faço nos meus trabalhos de Antropologia; se você ler meus trabalhos de Antropologia, tem tudo que tem que ter. Em Educação, o que aconteceu foi o seguinte: de repente, frente a um momento em que o que se escrevia no Brasil sobre Educação oscilava entre a repetição (parece que depois de Paulo Freire não tinha mais nada de novo) e, de outro lado, uma criatividade muito grande – nunca se criou tanto, nunca se produziu tanta tese, tanto artigo – você lia 10 livros de Educação, parecia que estava lendo um só. Então eu resolvi produzir múltiplas linguagens; eu tenho a impressão de que fui o primeiro educador brasileiro que escreveu livros de como lutar com a palavra que têm poemas dentro do livro; por exemplo, fiz aquele "Canções de Militante", que, cá para nós, eu escrevi em um trem, escrevi em uma tirada só.

E.R. : *Mas, ao mesmo tempo, aquele prefácio de "Casa de Escola", que tem a etnografia da Educação, aquilo é muito rico, foi muito novo na área de Educação.*

C.R.B. : "Casa de Escola" é uma coisa que saiu assim, é uma confissão de que eu não estou, por exemplo, querendo criar escola rigorosamente; eu estou querendo falar uma coisa livre e solta para pessoas que estão em uma militância e que estão querendo discutir essas coisas. Um dado meu no escrever, que eu gosto muito, é essa espécie de irresponsabilidade; eu sou um cara que nunca abdiquei de poesia, eu sempre estou escrevendo poesia, agora mesmo estou preparando "Memórias de Errantes", acho que sai no ano que vem. Além disso, escrevi dois roteiros de filmes, quer dizer, eu escrevo Antropologia, Educação, filme, poesia, então, é claro, isso causa um pouco de estranheza. Não sei como é que uma pessoa rigorosa me veria: um antropólogo que escreve sobre Educação, faz roteiro de filme, faz poesia, etc. Mas é que eu acho que as coisas devem ser ditas de várias maneiras, eu acho que já houve tempo em que se falava de Educação com poesia, com canção, com teatro, como Brecht; eu acho que o rigor é necessário, mas o rigorismo é uma depravação dele.

ção dele. Eu acho que é preciso invadir a Educação com isso. Sem abdicar a pesquisa do rigor, do trabalho de laboratório mesmo, do cara ir lá e ficar anos, acho que estamos precisando invadi-la de teatro, de música, de alegria, de coisas ricas. Paulo Freire passou a vida inteira dizendo três coisas, mas ele conseguiu dizer de uma maneira tal, que de repente você lê e diz: puxa, aqui está alguém que disse uma coisa diferente!



... O RIGOR É NECESSÁRIO; O RIGORISMO É A DEPRAVAÇÃO DELE.

E.R. : *Pois é, e quando você fala que causa estranheza esse seu jeito de dizer, de ver as coisas, causa fascinação também; você sabe disso, não sabe?*

C.R.B. : Pois é, mas é uma fascinação que é uma espécie de risco, de repente você se vê sempre meio ameaçado por esta impressão: será que isso aí não é um delírio? Por exemplo, eu hoje em dia creio nisso, acho muito bom, gosto das coisas que eu faço; há poucos dias, peguei essas minhas "Canções de Militantes", escritas em um trem, e disse: se eu fosse fazer agora, eu faria tão diferente! Claro, eu amadureci muito, como uma pessoa que pensa em Educação, como um poeta, eu achei que aquilo lá foi um susto; na verdade, eu escrevi em um trem, era muito ingênuo. E saiu publicado no Chile; fiquei emocionado, porque de repente me mandaram uma revista do Chile com aquilo publicado.

E.R. : *Você escreve à mão, sai da primeira vez, não revê, como é que é?*

C.R.B. : É, eu escrevo à mão, escrevo poesia à mão. Aliás, é interessante que quase toda a minha poesia é feita fora de casa. Enquanto a maioria dos poetas que eu conheço escreve em casa, no silêncio da madrugada, com uma folha em branco, eu escrevo em guardanapo, em verso de passagem de avião, ou em pedacinho de papel. "Diário de Campo", por exemplo, que eu gosto muito, são

poemas escritos nos fundos dos cadernos. Escrevo à mão, com uma letra péssima – que depois até eu tenho dificuldade de decifrar –, e sai muito depressa, muito depressa mesmo, por isso eu digo que as minhas palavras saem mais depressa que o pensamento. Depois eu bato à máquina, revejo, aí faço uma nova revisão; eu mesmo bato as minhas coisas, eu só dou para a datilógrafa quando é a versão definitiva.

E.R. : *Você tem uma poesia que fala da palavra, não tem?*

C.R.B. : *É como se a poesia fosse o momento em que você pega a palavra e a obriga a se disciplinar; eu*

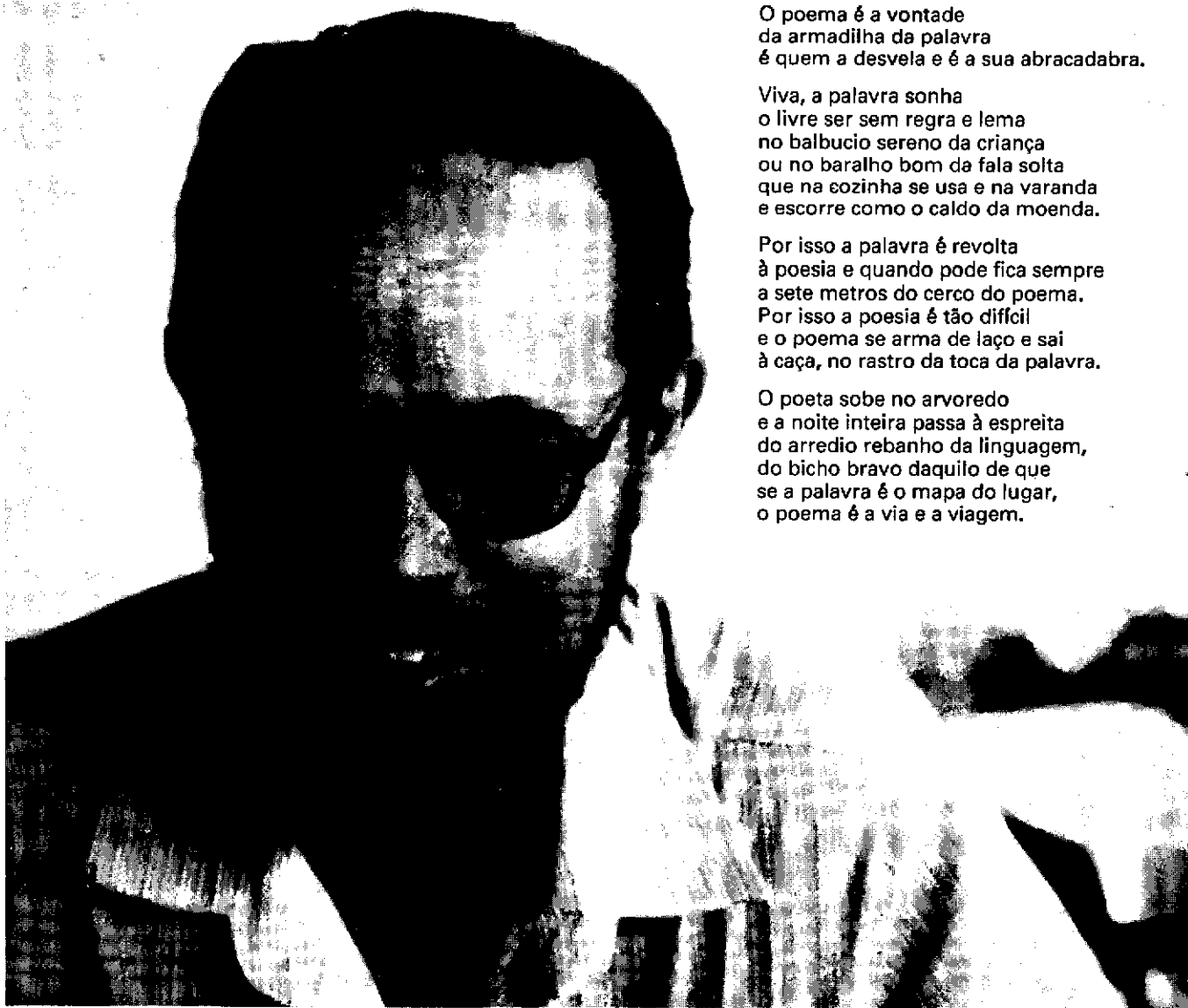
acabo dizendo que o poeta tem que catar a palavra, ficar lá ciscando a palavra. Há um dado do escrever que eu acho muito interessante: eu acho que independente da área que a gente trabalha – Educação, Literatura Antropologia – escrever, eu não vou dizer que seja um dom, mas eu acho que tem esse dado da vocação, e eu acho que nas pessoas em que esse negócio de escrever sai gratuitamente, o escrever é uma espécie de imposição. Para o cara que gosta de escrever, de repente escrever é uma coisa que se impõe; ele tem que escrever. E, no meu modo de ver, a palavra adora ser absolutamente inconseqüente e solta, exatamente como diz a minha poesia, olha:

O poema é a vontade
da armadilha da palavra
é quem a desvela e é a sua abracadabra.

Viva, a palavra sonha
o livre ser sem regra e lema
no balbucio sereno da criança
ou no baralho bom da fala solta
que na cozinha se usa e na varanda
e escorre como o caldo da moenda.

Por isso a palavra é revolta
à poesia e quando pode fica sempre
a sete metros do cerco do poema.
Por isso a poesia é tão difícil
e o poema se arma de laço e sai
à caça, no rastro da toca da palavra.

O poeta sobe no arvoredado
e a noite inteira passa à espreita
do arredio rebanho da linguagem,
do bicho bravo daquilo de que
se a palavra é o mapa do lugar,
o poema é a via e a viagem.



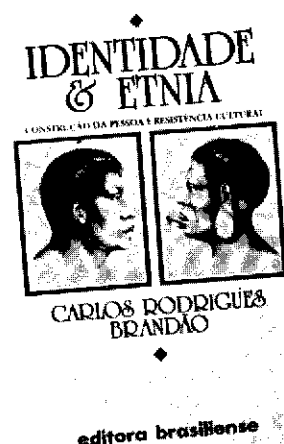
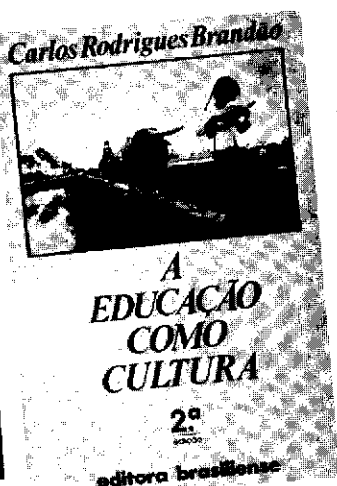
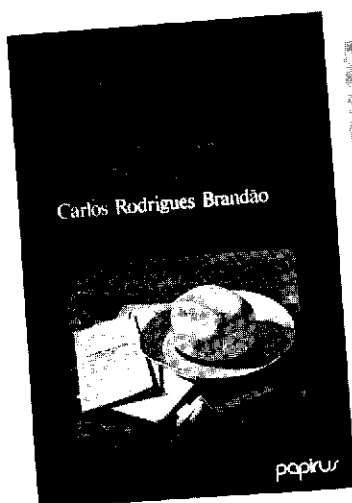
BIBLIOGRAFIA SINALÉTICA DE CARLOS RODRIGUES BRANDÃO*

O levantamento que ora se apresenta tem o objetivo de reunir os títulos de livros publicados pelo educador CARLOS RODRIGUES BRANDÃO.

Os dados obtidos foram fornecidos por bibliotecas que possuem coleção-núcleo na área educacional. Foram excluí-

das da listagem as bibliotecas que não atenderam à solicitação previamente enviada por esta instituição.

A bibliografia está apresentada sob a forma de referências bibliográficas. (Segundo Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT). As siglas entre parênteses, apresentadas ao final de cada referência, correspondem às bibliotecas cooperantes, que estão listadas ao final do trabalho.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O ardit da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular*. Campinas, Papiрус, 1983. (FCC, FEUSP, PUC-MG, UFRGS, UNICAMP)
- . *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1983. (FEUSP, PUC-MG)
- . *Campesinato goiano: três estudos*. Goiânia, UFG, 1968. (UC-GO)
- . *Casa de escola: cultura camponesa e educação rural*. Campinas, Papiрус, 1983. (FAE-MG, FCC, FEUSP, PUC-MG, UNICAMP)
- . *Cavalhadas de Pirenópolis; um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia, Oriente, 1974. (PUC-MG, UC-GO)
- . *Colcha de retalhos; estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982. (FCC)

- . *Deus te salve casa santa; rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979. (PUC-MG, UC-GO)
- . *Os deuses do povo; um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, Brasiliense, 1980. (FAE-MG, FCC, FEUSP, PUC-MG)
- . *Diário de campo; antropologia como alegoria*. São Paulo, Brasiliense, 1982. (FEUSP, PUC-MG, UNICAMP)
- . *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1978. (FEUSP, PUC-MG, UC-GO, UFSM)
- . *A educação como cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1985. (FAE-MG, FCC, FEUSP, PUC-MG, UFRGS, UNICAMP)
- . *Educação popular*. São Paulo, Brasiliense, 1984. (FEUSP, PUC-MG, UFRGS, UFSM)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. *O educador: vida e morte; escritos sobre uma espécie em perigo*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. (FAE-MG, FCC, FEUSP, PUC-MG, UC-GO, UFRGS, UNICAMP)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Goiânia, UFG, 1985. (UC-GO)

* Compilação: SHIRLEY MACIEL DA SILVA - Bibliotecária
- Faculdade de Educação/UFG.

- , *A folia de reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1977. (FEUSP, UFSM)
- , *Identidade e etnia: construção e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1986. (FEUSP)
- , *Lições da Nicarágua; a experiência da esperança*. Campinas, Papyrus, 1985. (PUC-MG, UNICAMP)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Lutar contra a palavra; escritos sobre o trabalho do educador*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. (FAE-MG, FCC, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UNICAMP)
- , *Mão-de-obra*. Goiânia, Praxis, 1968. (UC-GO)
- , *Memória do sagrado; estudos de religião e ritual*. São Paulo, Paulinas, 1985. (PUC-MG)
- * —, *Os objetos do dia*. Goiânia, s.ed., s.d.
- , *Pensar a prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação*. São Paulo, Loyola, 1984. (FCC, FEUSP, FUMEC, UNICAMP)
- , *Peões, pretos e congos: relações de trabalho e identidade étnica em Goiás*. Brasília, s.ed., 1974. (PUC-MG, UC-GO)
- , *Pesquisa participante*. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. (FAE-MG, FCC, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UC-GO, UNICAMP)
- , *Plantar, colher, comer; um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro, Graal, 1981. (FAE-MG, FEUSP, PUC-MG)
- , *O que é educação*. 14.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (FAE-MG, FCC, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UC-GO, UFRGS, UNICAMP)
- , *O que é folclore*. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. (FEUSP, PUC-MG)
- , *O que é método Paulo Freire*. 4.ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. (FAE-MG, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UC-GO, UFRGS)
- , *A questão política da educação popular*, org. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. (FAE-MG, FCC, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UFRGS, UNICAMP)
- , *Relações interétnicas e identidade em cinco sociedades primitivas brasileiras*. Goiânia, UFG, 1974. (UC-GO)
- , *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1984. (FAE-MG, FEUSP, FUMEC, PUC-MG, UFSM)
- , *Saber ensinar; três estudos de educação popular*. Campinas, Papyrus, 1984. (FAE-MG, FCC, FUMEC, PUC-MG, UC-GO, UFRGS, UNICAMP)
- , *Sacerdotes de viola; rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis, Vozes, 1981. (FAE-MG, FCC, FEUSP, PUC-MG)
- , *Seis estudos de psicologia social*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, Instituto de Ciências Humanas e Letras, 1971. (UC-GO)
- , *Sociedades rurais do Mato Grosso Goiano*. Goiânia, UFG, 1973. (UC-GO)
- , *Teoría y practica de la educación popular*. Marcela Gajardo, Ottawa, International Development Research Centre, 1983. (UFRGS)

LISTA DAS SIGLAS DAS BIBLIOTECAS CITADAS

- FAE-MG - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
AV. ANTÔNIO CARLOS, 6627
PAMPULHA
CAIXA POSTAL 1703
30000 - BELO HORIZONTE, MG
- FCC - FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
AV. PROFESSOR FRANCISCO MORA TO, 1565
05513 - SÃO PAULO, SP
- FEUSP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CIDADE UNIVERSITÁRIA
CAIXA POSTAL 30303
05508 - SÃO PAULO, SP
- FUMEC - FUNDAÇÃO MINEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
BIBLIOTECA
RUA AIMORÉS, 2679
30140 - BELO HORIZONTE, MG
- PUC-MG - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
BIBLIOTECA CENTRAL
AV. DOM JOSÉ GASPAR, 500
CORACÃO EUCARÍSTICO
30550 - BELO HORIZONTE, MG
- UC-GO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
BIBLIOTECA CENTRAL
AV. UNIVERSITÁRIA, 1440
SETOR UNIVERSITÁRIO
CAIXA POSTAL 86
74000 - GOIÂNIA, GO
- UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
AV. PAULO GAMA, S/N - 2º ANDAR
90040 - PORTO ALEGRE, RS
- UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
97100 - SANTA MARIA, RS
- UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CIDADE UNIVERSITÁRIA "ZEFERINO VAZ"
BARÃO GERALDO
13100 - CAMPINAS, SP

* À referência foi incluída no levantamento mas não consta no acervo das bibliotecas citadas.